

CINCO SÉCULOS DE UNIDADE

Gilberto E. CHAUDON

Com boa antecipação o Brasil se prepara para planejar as comemorações com que irá festejar os 500 anos de seu descobrimento.

A figura do Almirante Pedro Álvares Cabral, cuja memória tem sido mantida em tão inexplicável olvido, por razões do ostracismo em que foi colocado por Dom Manuel aquele que acrescentou às glórias marítimas do seu reino um imenso país. O grandioso feito que maldosamente tem sido atribuído a mero acaso de "tempestades e ventos desfavoráveis" o teriam afastado de sua rota. Uma mistificação histórica, um simples despistamento para afastar concorrentes que, à época, se disputavam o mundo ignoto de mares imensos!

Ao ensejo desse descobrimento completava-se a entrada do Novo Mundo no cenário da Época Moderna. O mundo como que despertava de séculos de uma era convulsionada e desgastada por guerras e esgotada de recursos de toda sorte. O surgimento do Novo Mundo trouxe aos povos do Ocidente enfraquecido nova seiva e novo alento - ironicamente causadores de novas lutas e ambições. A conquista tem um preço quase sempre muito alto em sacrifícios e desenganos.

Mas o que nos cabe hoje reconhecer e exaltar é a larga visão do povo português, um povo talhado para a obra de colonização que empreendeu com tenacidade e habilidade nunca desmentidas.

O Brasil, na sua unidade através de quase cinco séculos como Nação, é um testemunho inquestionável da acertada política de assimilação que Portugal exerceu desde o primeiro instante em terras de Ibirapitanga. De uma terra povoada de índios que formavam uma vasta comunidade sem governo, no sentido que atribuímos a esse termo, o

Brasil tornou-se pátria de homens briosos, conscientes de seu papel no cenário das nações civilizadas, e, já em 1822 rompia os laços políticos que o prendiam a Portugal, sem desfazer os laços de sangue herdado de seus antepassados oriundos de Portugal.

Portugal, uma nação pequena na extensão territorial, mas que foi grande nos feitos de seus homens e de seus reis que se notabilizaram em múltiplas conquistas do espírito, e cujo apogeu se deu com D. Afonso Henrique, o Navegador. Dessa grande escola de navegadores que foi a Escola de Sagres, os feitos já foram cantados e glorificados por Camões - outra das glórias de Portugal.

Pedro Álvares Cabral não foi, no estrito sentido da palavra, um navegador, e outras foram as razões de sua escolha por Dom Manuel para comandar a frota que demandou os mares, saindo do Tejo a 9 de março de 1500, com a missão de conquistar mercados nas costas de África e alcançar as Índias, alvo de todas as cobiças da época.

Na língua, que de Portugal herdamos, está o mais forte laço que evitou o esfacelamento de nossa união, resguardando para a comunidade luso-brasileira as imensas riquezas deste abençoado Brasil.